

O DESPONTAR DE UMA NOVA CULTURA DE COMUNIDADES BUDISTAS SHIN PELO BRASIL A PARTIR DE SUA VISIBILIDADE NA INTERNET

Jean Jacques Algieri³

Prof. Me. Leomar Nascimento de Jesus⁴

Resumo: O presente trabalho pretende refletir sobre o formato de comunidade virtual da ordem Shin Ōtani, pertencente à escola budista Jōdo Shin, no Brasil, por conta de sua visibilidade nos últimos anos, através da internet, em uma possível expansão para além dos templos físicos. Com o advento da internet e das redes sociais, o ensinamento budista se tornou acessível a todos lugares e pessoas, passando a despertar interesse público, antes delimitado à etnia japonesa imigrante, a qual trouxe o Budismo para o Brasil. O trabalho será exposto em três seções: primeiramente o estabelecimento do Budismo japonês em terras brasileiras, sua transição enquanto instituição étnica para um formato nacional e a crescente demanda via internet. Na segunda parte pensaremos o mundo digital como meio de acesso à formação religiosa, refletindo sobre o papel das instituições, em especial budistas e a sobrevivência na nova configuração de grupos religiosos virtuais. E, por fim, refletiremos sobre a possibilidade de comunidades Shin a partir do mundo virtual, como espaço de experiência religiosa, comparado à época do Mestre Shinran por suas cartas aos fiéis nas reuniões caseiras e ainda o processo de aculturação da ordem Shin Ōtani derivada de um Budismo étnico japonês por convertidos brasileiros. Esta pesquisa conta com levantamento bibliográfico de autores como Hervieu-Léger (2015), Berger (1985), Usarski (2009) e Ries (2017) e com pesquisa quantitativa simples. O resultado deste trabalho poderá contribuir para a reflexão e operacionalização de novos formatos de presença e atuação da comunidade Shin Ōtani no Brasil na era digital.

Palavras-chave: Budismo Shin. Comunidades religiosas virtuais. Internet.

³ Jean Jacques Algieri é graduado em Ciências Aeronáuticas pela UNISUL-SC e pós-graduando em Religião e Cultura pelo UNIFAI-SP. É clérigo da Ordem Ōtani de Budismo Shin, escola Jōdo Shin do Templo Higashi Honganji de São Paulo - SP.

⁴ Leomar Nascimento de Jesus é presbítero católico, mestre em teologia pela PUC-SP, doutorando em ciência da religião. É coordenador do curso de pós-graduação em Religião e Diversidade Cultural no UNIFAI e professor na graduação.

INTRODUÇÃO

26

A expansão do Budismo em território brasileiro teve início pela chegada dos imigrantes japoneses a partir de 1908, os quais se expandiram majoritariamente por estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde previam permanecer temporariamente por conta dos contratos de trabalho nas lavouras. Nas décadas seguintes, ainda não havia templos budistas e a manutenção das atividades religiosas se dava no seio da própria comunidade em associações culturais ou lares dos devotos, como auxílio mútuo de encorajamento nas dificuldades cotidianas.

Tendo o Japão perdido na IIª Guerra Mundial, a comunidade japonesa passou a se estabelecer definitivamente em solo brasileiro, incumbindo às ordens das escolas budistas no Japão organizar missões clericais com o intuito de proporcionar suporte religioso adequado aos novos residentes no Brasil. A ordem Shin Ōtani, ramificação da escola budista Jōdo Shin, ou Verdadeira Escola da Terra Pura, (doravante Budismo Shin) e objeto deste trabalho, foi a primeira representante nos anos 50.

Com o advento da internet nos anos 90, a popularidade do Budismo em suas mais variadas escolas teve um alcance abrangente em todo território nacional, porém a expansão física histórica não acompanhou o mesmo ritmo. O presente trabalho visa explicitar aquilo que seria o despontar de uma nova cultura de comunidades budistas da ordem Shin Ōtani pelo Brasil, a partir de sua visibilidade no ciberespaço. Tal empreendimento (esta nova cultura) tem o potencial de estruturar comunidades budistas Shin a partir do ambiente cibernético como proposta de contemplar as demandas de novos interessados advindos das redes sociais, dos encontros e ritos *online*, como vimos no período da pandemia do Covid-19 em 2020 - 2021, situação que potencializou a procura por interações religiosas virtuais.

Em nossa opinião, refletir sobre um novo formato virtual de comunidade budista face a estas demandas seria algo semelhante ao movimento do Mestre Shinran, fundador do Budismo Shin, o qual transmitia, por meio de cartas a seus seguidores, os ensinamentos e esclarecimentos de dúvidas (ou resolução de divergências), proporcionando, assim, reconforto frente às dificuldades vividas nas zonas rurais, bem como estabelecendo o contato constante com as comunidades distantes de onde ele se encontrava. As cartas de ontem são as redes sociais de hoje.

Desejamos expor o presente trabalho em três seções: primeiramente o estabelecimento do Budismo japonês em terras brasileiras, sua transição enquanto instituição étnica para um formato nacional e a crescente demanda via internet. Na segunda parte, pensaremos o mundo digital como meio de acesso à formação religiosa, refletindo sobre o papel das instituições, em

especial budistas e a sobrevivência na nova configuração de grupos religiosos virtuais. E, por fim, refletiremos sobre a possibilidade de comunidades Shin a partir do mundo virtual, como espaço de experiência religiosa, comparado à época do Mestre Shinran por suas cartas aos fiéis nas reuniões caseiras e ainda o processo de aculturação da ordem Shin Ōtani derivada de um Budismo étnico japonês por convertidos brasileiros. Esta pesquisa conta com levantamento bibliográfico de autores, tais como Hervieu-Léger (2015), Berger (1985), Usarski (2009) e Ries (2017) e com pesquisa quantitativa simples.

Desejamos, assim, evidenciar que as práticas do Budismo Shin por meio dos mais variados canais virtuais podem apontar para uma forma de experiência e manutenção da fé de um ou mais indivíduos em determinada localidade, até que haja condições de se estabelecer um centro de prática ou mesmo um templo físico.

1. UMA BREVE HISTÓRIA DO BUDISMO SHIN NO BRASIL

O Budismo estrutura-se como um sistema filosófico e religioso, cujo objeto central é a compreensão sobre a realidade da condição humana e a solução de seus sofrimentos. Siddhartha Gautama nasceu entre 560 e 480 AEC., próximo a Kapilavattu, não distante do Nepal, no clã familiar dos Sakya, pertencente a governantes, sendo, pois, filho do Rei Suddhodana e da Rainha Maya, a qual falece após o parto, sendo o filho recém-nascido criado por sua tia Prajapati.

Siddhartha desfrutou de uma vida auspiciosa, casou-se com Yashodara e teve um filho, Rahula. Ainda criança, Gautama foi profetizado por um sábio a seu pai: ou ele seria um grande rei, ou um mestre espiritual do mundo, um Buda. Aos 29 anos Siddhartha deixa seu palácio em busca de respostas sobre a existência e sobre seus sofrimentos. Após seis anos de vida ascética insatisfeita, põe-se em meditação sob uma figueira obtendo a experiência do pleno despertar, tornando-se Buda Shakyamuni. Segundo Gonçalves:

A palavra Budismo vem do sânscrito Buddha (Desperto). Esse adjetivo geralmente é empregado para designar o fundador histórico do Budismo, o príncipe Siddhartha Gautama, que teria vivido no Nordeste da Índia há mais ou menos 2.500 anos atrás. Segundo a perspectiva gnóstica própria do Budismo, o homem comum viveria mergulhado num estado comparável ao sono ou à embriaguez, ignorante de sua verdadeira natureza, bem como da do universo em que se encontra situado (GONÇALVES, 2005, p.198-207).

O supremo despertar lhe proporcionou a cosmovisão sobre a realidade. “Afirma-se que sua conversão à vida espiritual resultou, de um lado, na percepção do sofrimento em consequência da velhice, doença e morte e, do outro, da paz provinda do ascetismo de renúncia

ao mundo” (YOSHINORI, 2006, p. 4). Ao longo dos 45 anos seguintes, Siddhartha, agora Buda Shakyamuni, proferiu o Dharma (ensinamentos sobre a Realidade Última), vindo a falecer com 80 anos em Kushinagar, na Índia. A partir de então seus discípulos começam a se organizar em comunidades, dando início ao vasto movimento religioso por toda Ásia conhecido por Budismo.

No Japão, o Budismo foi introduzido através da Coreia e da China entre os séculos V e VI DEC., desenvolvendo-se amplamente pela figura do príncipe regente Shotoku, um grande entusiasta dos ensinamentos do Buda. Nos séculos seguintes o Budismo tomaria uma dimensão própria por todo o país por meio de diversas escolas de pensamento, ou simplesmente escolas budistas, culminando entre os anos de 710 e 1333.

O florescimento da doutrina budista no Brasil ocorreu com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses em 1908, no navio *Kasato Maru*. Dentre eles estava Ibaragui Nissui, monge da escola budista Honmon Butsuryu. A previsão destes imigrantes era permanecer somente por um período de trabalho nas fazendas de café e lavouras. Todavia, muitos viram no Brasil sua morada definitiva, especialmente após a perda do Japão na II Guerra Mundial.

Dentro dessa nova perspectiva, as primeiras escolas budistas se estabeleceram nos anos 50 com o objetivo de oferecer suporte espiritual à comunidade japonesa, sendo a primeira delas a ordem Shin Ōtani, pertencente à escola Jōdo Shin, em 1952, segundo Gonçalves (2013). Essa escola foi instituída pela figura do Mestre Shinran na região de Quioto, Japão, no século XIII. As comunidades budistas no Brasil, então, surgiram por onde os imigrantes se assentaram, notadamente nos estados de São Paulo, Paraná, Amazonas e Mato Grosso do Sul. Em 1958, as cinco principais escolas do Budismo japonês – Jōdo, Jōdo Shin, Shingon, Zen e Nichiren – constituíram a Butsuren, Federação das Escolas Budistas do Brasil (USARSKI, 2012).

Pela ausência de propostas missionárias e expansionistas à população brasileira, a ordem Shin Ōtani, objeto do presente trabalho, teve como resultado a carência de templos e comunidades na maior parte das cidades. Como aspectos adicionais que reforçam esta problemática, consideramos a barreira linguístico-cultural e a falta de formação de missionários em idioma português em território brasileiro. Por estas componentes percebemos que a propagação da ordem Shin Ōtani ficou circunscrita à colônia japonesa durante muitas décadas.

Em paralelo, vemos os movimentos budistas tibetanos e de meditação Zen ocupando um aspecto de contracultura religiosa nos anos 60, e tomando uma dimensão popular diferente das escolas ensimesmadas daquele processo migratório. Observamos, então, a estrutura orgânica das escolas budistas no Brasil, tanto japonesas como das demais tradições, atualmente com dois tipos de devotos: os da comunidade nipônica (popularmente dito Budismo de colônia

ou imigração) e os de conversão, formado por brasileiros não nipo-descendentes, desenhando duas tipologias de praticantes, conforme apresenta Usarski:

A qualificação do Budismo Ocidental como religião de conversão distingue esse ramo do segmento paralelo encontrado no mesmo contexto geográfico, ou seja, do “Budismo de Imigração” representado por asiáticos que, como fugitivos ou por motivos econômicos, deslocaram-se de seus países tradicionalmente budistas sem mudar drasticamente a maneira de praticar e viver sua religião nativa em um ambiente anfitrião (USARSKI, 2009, p. 55).

A transição religiosa budista de caráter imigratório passa a receber novos rostos ocidentais nos templos históricos de forma tímida por poucos brasileiros nos anos 70 e 80. A comunidade japonesa apresenta um caráter reservado, regido pela diferença linguística-cultural, que reverbera inevitavelmente no ambiente religioso dos templos budistas. Apesar das diferenças culturais, o modo oriental despertou o interesse dos brasileiros, como aponta Oda:

Se de um lado muitos deploravam os imigrantes japoneses por pertencerem a uma sociedade considerada primitiva e racialmente inferior, de outro, havia também aqueles que os defendiam, com o argumento de que o Japão era a nação oriental onde os modernos padrões europeus haviam sido mais bem assimilados, o que seria sinal de que a raça japonesa poderia influir positivamente sobre o Brasil (ODA, 2011, p.112).

A adaptação da comunidade japonesa em solo brasileiro se fez paulatinamente. E, com o tempo, ocorreu uma sensível transição de devotos nipo-descendentes (em especial das novas gerações, que se desinteressam pela religião dos seus ancestrais) para a confissão cristã e para outras religiões ocidentais. Segundo o último censo do IBGE de 2010, o número de adeptos declarados do Budismo era de 243.966, permanecendo estabilizado em relação ao censo anterior em função do aumento populacional. Gonçalves aponta que:

Recente reportagem em revista semanal de grande circulação (Isto É, janeiro 2005) enfatizou dramaticamente o caso do Budismo Shin, enfatizando a diminuição do número de adeptos e o fechamento de templos por falta de fiéis e de missionários. As lideranças budistas estão cientes desses fatos e medidas estão sendo tomadas para que o chamado “Budismo de Imigração” se converta em Budismo Brasileiro (GONÇALVES, 2005, p. 206).

A ordem Shin Ōtani apresenta atualmente a estrutura de 35 clérigos (sendo 27 homens e oito mulheres), 22 templos, sete associações leigas e uma sede sul-americana. Porém, se a participação de brasileiros era escassa em décadas passadas, a partir de 2013 novos clérigos brasileiros foram ordenados, oferecendo, assim, um maior conteúdo doutrinário em português.

Nesse ínterim, com o advento da internet nos anos 90, o mundo virtual expôs a doutrina budista por meio de sites e redes sociais, algo até então restrito a livros, visitas a templos físicos ou viagens a países asiáticos de maioria budista. Através do novo canal de informações, uma pessoa situada em qualquer cidade brasileira acessa o conteúdo budista despertando seu interesse e sua possível afinidade.

A estrutura religiosa budista da ordem Shin Ōtani, contudo, não se propagou geograficamente desde seu estabelecimento nos anos 50, permanecendo circunscrita a uma comunidade étnica. A popularização virtual do seu conteúdo doutrinário foi díspar da expansão histórica, comprometendo as respostas às demandas de pessoas distantes dos templos estabelecidos. O mundo digital tornou-se um novo recurso tecnológico de acesso ao conhecimento e à experiência religiosa, perfazendo novos adeptos longínquos e conectados às comunidades históricas. É o que veremos a seguir.

2. O MUNDO DIGITAL COMO NOVA ESPACIALIDADE DE CONVERSÃO

Com o advento da internet nos anos 90, os sites de busca, os grupos virtuais e as redes sociais geraram um comportamento novo nos indivíduos, uma vez que toda informação se torna acessível imediatamente, em qualquer localidade. O campo da religião não ficou para trás. Pace (2012) investiga de que forma a comunicação do conteúdo religioso está sendo mediada pela internet, onde a dinâmica digital interfere no fenômeno religioso, resultando no “fiel em poltrona”. Assim, pela leitura deste movimento comportamental, surgiram os termos apresentados por Helland, o qual introduz:

[...] a distinção entre religion online (instituições religiosas que se adaptam a comunicar via internet) e online religion (criação de novas networks capazes de promover a formação de comunidades virtuais nas quais a definição dos conteúdos e dos significados religiosos ou espirituais é confiada à interação via computador entre os indivíduos) (HELLAND, 2000, apud PACE, 2012, p. 423).

O recurso tecnológico no cenário religioso não é algo estranho. Desde os anos 70 até hoje, os televisores se destacaram como forma de manutenção da fé e um meio inusitado de catequese por religiões cristãs. De 1995 em diante, houve um deslocamento da informação religiosa para o ambiente cibernético. Nesse contexto, o acesso a informações sobre denominações religiosas migra das restritas leituras em bibliotecas a um vasto repositório

virtual. Tal deslocamento fez o Budismo e suas escolas serem amplamente disseminados nas mais remotas cidades brasileiras onde não aportaram.

Em termos de acessibilidade digital, a Agência Brasil (2020) aponta que “três em cada quatro brasileiros acessam a internet, o que equivale a 134 milhões de pessoas”. Segundo a mesma Agência:

As informações mais buscadas foram sobre produtos e serviços (59%), serviços de saúde (47%), pagamentos ou transações financeiras (33%) e viagens e acomodação (31%). Na área de educação e trabalho, as práticas mais comuns foram pesquisas escolares (41%), estudo online por conta própria (40%), atividades de trabalho (33%) e armazenamento de dados (28%) (AGÊNCIA BRASIL, 2020).⁵

Longe de ser apenas um canal de serviço, entretenimento e informação, a internet reforçou um comportamento já conhecido pelos televisores nos anos 70, enfatizando a devoção religiosa pré-existente e apresentando caminhos espirituais alternativos. Instituições religiosas se comunicam o tempo todo, seja celebrando ritos sagrados ou em atividades comunitárias. Pace questiona se:

O que estamos observando é um específico processo comunicativo que tem por objeto conteúdos relacionados com aquilo que chamamos convencionalmente religião ou é uma forma moderna de expressividade religiosa, que encontra exatamente em um sítio web seu estado nascente (PACE, 2012, p. 419)?

A transposição da atividade religiosa *in locus* para o ambiente virtual derivou não apenas da inspiração que levou à popularização de cultos religiosos pela TV, mas também por demandas de circunstâncias mundiais. A recente pandemia do Covid-19, especialmente no período entre 2020 e 2021, é um exemplo: ela acentuou a busca pelo conteúdo religioso na internet devido ao isolamento social nos períodos de *lock down*⁶ conforme aponta Sant' Anna na matéria do jornal Folha de SP:

Uma pesquisa global liderada pela Universidade Estadual de Ohio (EUA) apontou que o Brasil ocupa a liderança no ranking dos índices de ansiedade e depressão durante a pandemia quando comparado a outras dez nações. No total, 13 mil pessoas foram entrevistadas, 1.500 no país. Aqui, 63% estavam ansiosos e 59%, depressivos. (SANT'ANNA, 2021).

⁵ A pesquisa não apresenta nenhum resultado quanto à busca por conteúdo e/ou interação religiosos.

⁶ Anglicismo usado para bloqueio social durante uma pandemia.

Diversos templos budistas, incluindo a ordem Shin Ōtani, passaram a realizar ritos diários, celebrações familiares póstumas, retiros de meditação e cursos por meio virtual. Na esteira de tal prática religiosa em ambiente digital, surgem inúmeros interessados pelo Budismo em função da visibilidade proporcionada em canais, tais como do Facebook, do Youtube e do Instagram.

Neste processo, portanto, num contexto marcado pela secularização, mas ao mesmo tempo por uma busca acirrada por sentido religioso do indivíduo contemporâneo, o Budismo também se apresenta como uma opção possível. Em outras palavras, na pluralidade de propostas, ele também tem o seu lugar.

De fato, desde o período pós-industrial, as denominações religiosas vêm sentindo o impacto do processo de secularização⁷, submetendo à prova suas estruturas legítimas sinergicamente a outro movimento de individuação da experiência espiritual chamada por Berger de “secularização da consciência”, onde o indivíduo encara o mundo e a vida sem intervenção religiosa externa, sem depender da autoridade clerical (1985, p. 144). Como resultado do pluralismo religioso, onde se busca responder ao tema comum da vida por várias leituras espirituais, as instituições religiosas passam a disputar os fiéis determinando um “mercado religioso”, apontado por Berger (1985), onde ganha quem tem mais visibilidade, acessibilidade e presença social. Exige-se, então, da religião adequar-se, entre outros, no que diz respeito às relações entre a mídia e as demandas espirituais imanentes ao ser humano. “Os grupos religiosos têm de se organizar de forma a conquistar uma população de consumidores em competição com outros grupos que têm o mesmo propósito” (BERGER, 1985, p.180). Esse ponto reverbera fortemente no Budismo, em especial na ordem Shin Ōtani, a qual passou a ter mais popularidade.

Em meio à crise civilizatória exponencial contínua, as demandas por respostas imediatas através do sagrado, e não apenas da ciência, vêm ocupando freneticamente os algoritmos pelas pesquisas no espaço virtual. O dinamismo e a velocidade das respostas proporcionadas pela internet se apresentam como um caminho alternativo diante das indagações dos indivíduos, inaugurando novas temporalidades e novas especialidades. Em outras palavras, sem a necessidade (obrigatória) de deslocamento do indivíduo para o templo físico e sem uma rigidez quanto ao tempo, uma vez que a pessoa pode acessar o conteúdo religioso num tempo oportuno.

⁷ Berger entende secularização como “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (1985, p. 144), resultando em uma autonomia das escolhas face a “uma vasta gama de tentativas de definição da realidade” (1985, p.167), chamado de “pluralismo”.

Contudo, como lidar com o fato de que a experiência religiosa normalmente se faz em comunidade, por pessoas e percepções presenciais? No contexto da era digital, seria possível um arranjo que permitisse uma experiência religiosa e um sentimento de pertença a partir do formato digital? O mundo virtual é um caminho sem volta na realidade humana e invade o campo dos comportamentos sociais e, mais recentemente, a experiência religiosa do indivíduo. De acordo com Sbardelotto:

Assim, em uma interação fiel-sistema, o sagrado que é acessado pelo fiel passa por diversos níveis de codificação por parte do sistema, e o fiel "decodifica", em interação com o sistema, o sagrado a partir de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e metafóricos presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambiente). Dessa forma, a internet, técnica convertida em mídia, se oferece e se apresenta como mediação ao sagrado (SBARDELOTTO, 2012, p. 171).

Comunidades religiosas podem ser entendidas como um dos três elementos essenciais da religião, sendo os outros dois o sistema de crenças e o sagrado (RIES, 2019). Neste aspecto, podemos supor a resistência da comunidade japonesa budista da ordem Shin Ōtani em abrir suas portas ao público brasileiro, considerando-se o contraste das duas culturas, a brasileira e a japonesa, posto que “todo fenômeno religioso é antes de tudo o fenômeno histórico, pois toda experiência religiosa acontece no contexto histórico-cultural bem determinado” (RIES, 2017, p. 65).

Conforme apontado anteriormente, a sociedade vem acompanhando o movimento da secularização das instituições religiosas, permitindo uma liberdade de escolhas dentro do mercado religioso e formulando uma espécie de bricolagem espiritual. Conforme aponta Hervieu-Léger:

A proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.170).

Estas liberdades de escolhas capturam pelo mundo cibernético os novos praticantes budistas virtuais, esboçando formatos alternativos da experiência religiosa, frente ao distanciamento dos templos físicos. A relação virtual religiosa e a individuação resultam no dilema do sentimento de pertença à comunidade.

Acreditamos que a confluência de três elementos – a secularização, a individuação e o mundo cibernético – vem redesenhando o perfil do homem religioso apresentado por Eliade

(2013, p. 31), onde se ele “só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado, é preciso que tenhamos em conta uma quantidade de técnicas destinadas a consagrarem-lhe o espaço”. Afinal, ele experiencia o sagrado no espaço religioso real. No ambiente religioso virtual, as técnicas consagradoras estariam sujeitas à subjetivação das crenças e das práticas dentro pluralismo religioso a quem tem acesso, o que comprometeria a integridade da doutrina religiosa. Neste sentido, Hervieu-Lèger chama este praticante de “bricolador”, ou seja, “aqueles que se apropriam de elementos religiosos daqui e dali, criando, a partir de suas experiências e expectativas pessoais, pequenos sistemas de significação que dão sentido à sua existência” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 63).

Contudo, os novos movimentos religiosos virtuais põem em questão a tradicionalidade e a transmissibilidade através das quais a doutrina budista se constituiu essencialmente em comunidades físicas ao longo de 2500 anos. O sentimento de vínculo ou pertença destes *cyber* praticantes (de postulantes a neófitos)⁸ corre o risco de se fragilizar longe dos templos estabelecidos, contrapondo os antigos modelos de comunidade como apresenta Hervieu-Léger: “Nas sociedades modernas, é que esta experiência ardente que produz o sentimento coletivo do “nós” resulta cada vez menos da pertença comunitária que garante, através dos ciclos das festas, sua reativação regular” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 68).

Entretanto, ao mesmo tempo especulamos que estes movimentos possam proporcionar um novo formato de comunidades budistas virtuais e, portanto, um novo sentimento de pertença, possivelmente a exemplo de um modo proporcionado pelo Mestre Shinran com suas cartas (a “tecnologia” da época) de vínculo comunitário. Nesse sentido, o mundo digital poderia favorecer a experiência religiosa e criar comunidades virtuais distantes, conectadas por redes sociais semelhantes às cartas do passado.

3. AS NOVAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Baseado na estrutura de comunidade entre monges e leigos chamado Sangha (um dos três pilares da doutrina budista)⁹, o senso de coletividade e cooperação budista no povo japonês é acentuado. O espírito horizontal se faz notar nos grandes ritos e festas nos templos budistas, onde todos partilham as tarefas da organização, limpeza, preparação de refeições, cabendo aos monges a realização dos ritos e o ensino doutrinal. O limite entre clérigos e leigos, contudo, se desfaz na mesa do almoço comunitário. É no seio da comunidade religiosa que ocorre a

⁸ A conversão no Budismo ocorre pela cerimônia de Tomada de Refúgio nas Três Jóias (o Buda, o Dharma e o Sangha), estabelecendo o indivíduo como discípulo na comunidade budista.

⁹ Os outros dois são o Buda (o Desperto) e o Dharma (o Ensino ou Verdade).

interação social, o sentimento de pertencimento identitário pelo sagrado, à semelhança do que afirma Hervieu-Léger, com as devidas adaptações para o contexto budista:

A igreja era um ponto de referência, o lugar em que se concentrava toda a vida da comunidade. Aí se reúnem as pessoas para rezar, e também para discutir as questões relacionadas à comunidade. A religião estava no centro de sua existência cotidiana. Os sinos ditavam o ritmo do tempo. As festas religiosas regulavam os ciclos da vida dos indivíduos e da coletividade (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.15).

Podemos afirmar que o Budismo possui dois aspectos: o lado experiencial e o proposicional. O primeiro se manifesta no cotidiano da vida social e na rotina do templo. O segundo se revela no âmbito dos cursos, estudos no templo e vivências, conhecidas como *Otera Taiken*.

O processo interativo experiencial e proposicional na comunidade budista constitui a pessoa religiosa com a identidade do grupo ao qual pertence, pois “é dentro da sociedade, como resultado dos processos sociais, que o indivíduo se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante os projetos que constituem sua vida” (BERGER, 1985, p.18). Se a experiência religiosa virtual não é vivenciada na comunidade física, a percepção é ressignificada pelo indivíduo em novo formato.

Na impossibilidade imediata da construção de templos por razões financeiras, logísticas ou do deslocamento de clérigos nas cidades dos novos budistas virtuais, a modalidade de comunidade *online* na ordem Shin Ōtani possibilitaria a co-existência dos templos longínquos. A proposta de *dojôs*¹⁰ virtuais, na alcunha de Sanghas virtuais, possibilitaria a extensão e/ou criação de pontes das comunidades massivas aos grupos menores ou individuais remotos. Posteriormente, em um segundo momento, quando estes *dojôs* virtuais estivessem consolidados, a comunidade local angariaria recursos para a locação de espaços físicos e mesmo para a construção de pequenos templos, sempre mediante a anuência do templo matriz. Este modelo pode ser notado em outras denominações religiosas por meio de células subordinadas aos templos regionais, os quais realizam a manutenção doutrinal e litúrgica à distância. O fenômeno religioso é, “antes de tudo, um fenômeno histórico, onde toda experiência religiosa acontece num contexto histórico-cultural bem determinado” (RIES, 2017), e a tecnologia tem sido uma grande aliada na expansão da doutrina budista. Como sugerem os termos de “religião despedaçada” e o “fim das identidades” (HERVIEU-LÉGER, 2015), as novas comunidades virtuais podem marcar um novo formato de estrutura religiosa.

¹⁰ Termo japonês dado a um centro de prática espiritual ou esportiva.

A possibilidade dos *dojôs* virtuais da ordem Shin Ōtani provoca questionamentos semelhantes àqueles propostos por Martino:

A própria utilização dos meios de comunicação, elemento profano, resulta de mudanças no conceito de sagrado nas instituições. Uma bênção transmitida por um líder religioso a milhares de quilômetros tem o mesmo efeito? A frequência do templo religioso pode ser substituída pela audiência da rádio? Preciso assistir à missa ou ao culto todos os domingos em um local destinado para isso vestido de maneira adequada, ou posso ficar instalado de pijamas e-mails diante da tela? (MARTINO, 2003, p. 16).

Refletir sobre a proposta de *dojôs* virtuais remete, em nossa opinião, a um modelo antigo de troca de cartas (compiladas por dois seguidores da época), entre o Mestre Shinran e os devotos nas várias localidades no Japão. Obras como *Tratado de Lamentação das Heresias* (*Tannishō*), *Cartas do Mestre* (*Mattoshō*), *Cartas de Rennyō*¹¹ (*Ofumi*) e *Coletânea de Transmissões Oraís* (*Kudenshō*) revelam as explicações doutrinárias e esclarecimentos de divergências por Shinran e Rennyō. As cartas traziam reconforto espiritual para a difícil vida dos seguidores budistas em áreas rurais, como vemos nesta passagem de Shinran:

Entretanto, a Luz Inefável clareia tudo em seu caminho, brilhando através do universo em todas as direções, gradualmente removendo as aflições e ilusões que nos fazem mergulhar e nos afogar na escuridão da ignorância. Finalmente, notamos um botão de flor desabrochando dentro de nós chamado Coração Confiante, como a verdadeira causa do Nirvana. Neste momento vivemos na condição daqueles cujo Ir-nascer é verdadeiramente estabelecido na Terra da Recompensa (KAKUNYO, 2018, p. 10).

Estabelecendo um paralelo com a situação atual, arriscamos dizer que os grupos virtuais em redes sociais (tais como as cartas do Mestre Shinran), acabaram por se tornar elos significativos entre clérigos e devotos da ordem Shin Ōtani nas mais variadas regiões do Brasil. Tais "fiéis-internautas" encontram-se isolados de uma comunidade presencial, mas, de alguma forma, presentes por meio do ambiente digital, onde podem praticar e experienciar sua fé, semelhante ao movimento cristão aprontado por Sbardelotto:

“As pessoas passam a encontrar uma oferta do sagrado não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponibilizada, midiaticamente na internet” (SBARDELOTTO, 2012, p. 155).

O Budismo Shin na época de Shinran se caracterizava por ser direcionado às pessoas comuns, como agricultores, pescadores, comerciantes entre outros, que eram impossibilitados

¹¹ 8º Patriarca da escola Jōdo Shin, séc. XV.

de deixar suas vidas e famílias para aderir às rígidas práticas ascéticas monásticas. Logo, no desenvolvimento do Budismo Shin nas épocas de Shinran e Rennyo, a transmissão dos ensinamentos por cartas foi fundamental como apresenta Itsuki:

As cartas contêm instruções detalhadas tanto sobre questões de fé, tais como o modo de fazer reuniões religiosas, quanto sobre questões mais práticas com respeito à defesa da Verdadeira Escola da Terra Pura, tal como a maneira de reagir à perseguição de guerreiros e senhores feudais locais. Quando o líder da aldeia recebia uma carta de Rennyo, conclamava todos os seguidores locais para uma reunião chamada de *ko* (literalmente palestra). Nessa reunião religiosa em nível de aldeia, ele lia a carta em voz alta. Ao fazê-lo, os pensamentos de Rennyo eram transmitidos simultaneamente para dezenas de outras pessoas. Os ouvintes decoravam a carta, voltando a seus povoados e mais uma vez passavam adiante a mensagem de Rennyo. Às vezes, as cartas eram copiadas e, então, enviadas a outro *ko*, ou grupo de seguidores (ITSUKI, 2004, p.125-126).

Transpondo o antigo formato de cartas para o momento presente, na época em que o presente artigo foi escrito¹² a ordem Shin Ōtani no Brasil conta com um aparato cibernético considerável, a saber: um grupo de Whatsapp (132 participantes), um grupo no Facebook (1765 participantes), uma página no Facebook (2024 seguidores) e um perfil no Instagram (1057 seguidores), além de dois sites institucionais. Por conta da pandemia do Covid-19 em 2020, o tradicional curso de Budismo oferecido todos os anos no Templo Higashi Honganji de São Paulo (SP) foi adaptado para a modalidade *online*, abrangendo assim pessoas de diversas regiões brasileiras e mesmo do exterior. Percorreram o mesmo caminho os ritos dominicais e as grandes cerimônias anuais, sendo realizadas, portanto, em ambiente virtual. Nesta perspectiva, vê-se a popularidade da ordem Shin Ōtani tomando uma dimensão muito além das comunidades históricas da imigração, requisitando, assim, respostas breves e práticas àqueles que encontram no Budismo Shin o sentido para a vida.

A fim de termos uma visão panorâmica deste cenário, realizamos uma pesquisa quantitativa simples, de forma espontânea entre os dias 1 e 31 de julho de 2021 em duas redes sociais (Facebook e Whatsapp), onde 59 pessoas expressaram suas percepções sobre sua relação para com o Budismo ordem Shin Ōtani por meio das redes digitais. Apresentamos abaixo os resultados da pesquisa:

GRÁFICO 1 - REDES SOCIAIS

¹² Dados obtidos em julho/2021 em cada uma dessas redes sociais.

Quais redes sociais você participa no Budismo Shin, ordem Otani, ramo Higashi Honganji?
59 respostas

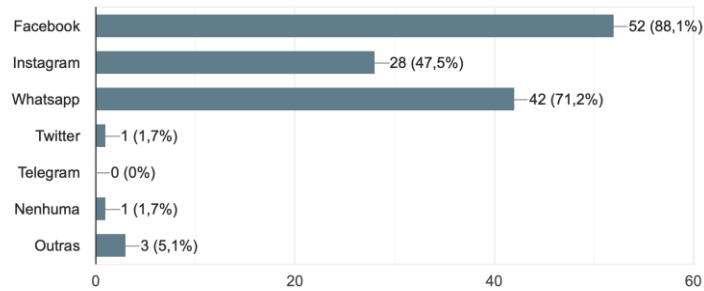


GRÁFICO 2 - GRAU DE PERTENCIMENTO

Qual o seu grau de pertencimento ao participar do Budismo Shin, ordem Otani, ramo Higashi Honganji, utilizando os meios digitais?
59 respostas

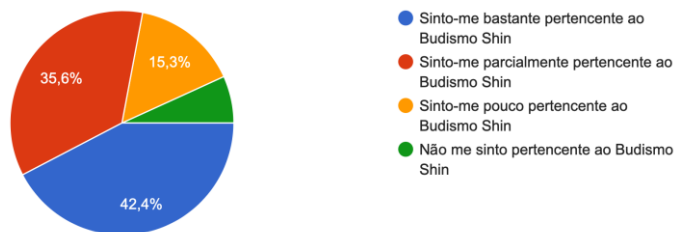


GRÁFICO 3 - PERCEPÇÃO DA RELAÇÃO VIRTUAL

Como você percebe a relação virtual da prática do Budismo Shin, ordem Otani, Higashi Honganji, à distância por redes sociais?
59 respostas



GRÁFICO 4 - IMPOSSIBILIDADE DE FREQUENTAR O TEMPLO

Em relação à experiência de não poder frequentar o templo por causa da pandemia, você afirmaria que:
59 respostas

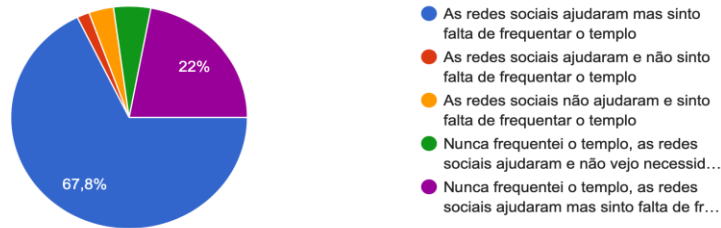
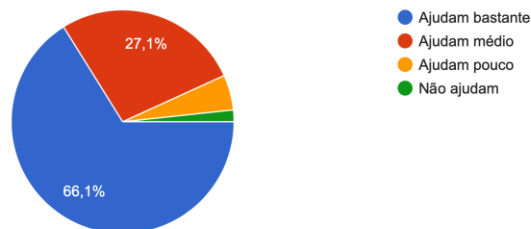


GRÁFICO 5 - REDES SOCIAIS COMO SUPORTE ESPIRITUAL

As relações virtuais tem ajudado você emocionalmente a superar o distanciamento social durante a pandemia do Covid-19?
59 respostas



A partir dos gráficos acima, podemos compreender a importância do ambiente virtual - sobretudo nos momentos mais críticos da pandemia do Covid-19 - em uma religião que não se encontra presente em todo território nacional, mas acessada nacionalmente. Esta breve estatística pode ser importante para futuras ações da ordem Shin Ōtani no intuito de responder às demandas dentro do contexto digital.

Na presente reflexão, que contempla a oferta de experiência religiosa em ambiente digital, destacamos o *butsudan* (ou “oratório familiar”), objeto fundamental e tradicional no exercício da fé, um verdadeiro sustentáculo para a prática budista. Seu surgimento na cultura budista japonesa é atribuído por um édito do Imperador Tenmu no ano de 685 (RAMBELLI, 2010), apresentado no livro *Nihon Shoki*, ou *Livro de Crônicas do Japão*, tido como o mais antigo registro da história deste país.

Apesar de o Budismo ser tido como uma religião de desapego material, no *butsudan* o praticante expressa o sagrado por meio dos ritos, tendo como ícone central a estátua ou imagem gráfica de Buda e os ornamentos (*butsugu*),¹³ como vaso de flores, incensário, vela, sino entre outros. Estes simbolizam materialmente o ensinamento budista, constituindo, assim, a “morada do Buda”, tradução coloquial do termo *butsudan*.

¹³ Conhecidos como utensílios do Buda ou meio expediente (*hoben* em jap.) para assistir à fé.

A inserção do altar na vida do praticante virtual pode ser um meio expediente para conservação da fé budista, fortalecendo, assim, cognitivamente o sentimento de pertença às comunidades centrais e o desenvolvimento de uma nova comunidade local, visto o possível interesse de outras pessoas pela religião. Com o declínio do número de imigrantes budistas e o desinteresse parcial das novas gerações de descendentes, a ordem Shin Ōtani está em fase de adaptação à população brasileira por novas conversões que não herdaram traços da cultura japonesa e/ou do pensamento budista familiar, resultando em uma ocidentalização do Budismo, conforme aponta Usarski:

O Budismo Ocidental é predominantemente representado por conversos, isto é, pessoas que não nasceram budistas, mas seguem o Budismo devido a uma opção deliberada a favor de uma religião não prevista pela tradição familiar. A qualificação do Budismo Ocidental como religião de conversão distingue esse ramo do segmento paralelo encontrado no mesmo contexto geográfico, ou seja, do “Budismo de Imigração” representado por asiáticos que, como fugitivos ou por motivos econômicos, deslocaram-se de seus países tradicionalmente budistas sem mudar drasticamente a maneira de praticar e viver sua religião nativa em um ambiente anfitrião (USARSKI, 2009, p. 54).

O processo de aculturação¹⁴ da ordem Shin Ōtani está transpondo a religiosidade budista, do modo japonês ao modo brasileiro, expressada por seus diversos costumes, símbolos, objetos, ritos, roupas, gestos e comportamentos, antes atrelados à cultura milenar japonesa.

A simbologia budista calcada nas artes, nas letras, na gastronomia ou mesmo nas percepções e sensações culturais japonesas será “ressignificada” a fim de se assentar e dialogar com o devoto brasileiro ocidental,¹⁵ em uma forma híbrida, como sendo "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (GARCIA CANCLINI, 2011, p.19).

Fortemente enraizado na cultura japonesa, o Budismo Shin encontra-se em fase de experiência no processo de transição e adaptação do antigo Budismo de imigração para o Budismo ocidental. Enquanto religiosidade com liturgias exóticas, o Budismo Shin tem qualidades atraentes ao público brasileiro, porém sua real aceitabilidade poderá ser testada no momento em que deixar de ser “uma religião oriental”, assimilando os moldes de um Budismo genuinamente brasileiro.

Os novos grupos religiosos virtuais, por sua vez, levantam questões nunca antes enfrentadas pelo Budismo Shin, além de suscitar preocupações em seus líderes, uma vez que

¹⁴ Processo através do qual um indivíduo adquire ou se adapta à cultura de determinada sociedade (PRIBERAM, 2021).

¹⁵ Em contraposição ao brasileiro nipo-descendente que traz a cultura budista familiar.

tais grupos ainda estão atrelados ao que poderíamos chamar de “modismos esotéricos fáceis”, onde “elementos religiosos budistas e japoneses aparecem como mercadorias na medicina complementar, espiritualidade no lugar de trabalho ou design de interiores” (USARSKI, 2017, p.115).

As comunidades virtuais da ordem Shin Ōtani podem desenhar uma nova fase da sua própria história no Brasil em dinâmica diferente do seu país de origem, pois “nessas sociedades, a religião está em toda parte. Ela não está separada do conjunto de relações sociais e das práticas sociais” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 24). As comunidades virtuais podem ressignificar um novo modelo de interação religiosa de forma mista, sem, contudo, extinguir as presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico impulsionado pela internet revelou um comportamento novo pautado pela de autonomia de inúmeras assuntos sociais que independem, relativamente, de intermediários para seu acesso e execução. O campo religioso está incluso nestes temas disponíveis em um clique, onde as redes sociais ocupam um papel paralelo ao sacerdócio tradicional. Por meio delas, as pessoas recorrem às práticas religiosas, buscam soluções nos textos sagrados, pedem orações em momentos aflitivos e conselhos para a vida por clérigos que nunca conheceram ou de religiões inexistentes em suas localidades.

Com um número considerável de brasileiros se interessando pelo Budismo, realidade que testemunhada na ordem Shin Ōtani, tem-se gerado uma demanda de participação e inclusão. As redes sociais tais como Facebook, Instagram e aplicativos de comunicação ao estilo WhatsApp podem exercer um papel fundamental como resposta aos novos seguidores distantes dos templos físicos, construindo, assim, um novo tipo de comunidade religiosa pautada pelo paradigma digital.

Logicamente, nem todas as perguntas já estão respondidas. Tudo é muito novo nesse campo. As questões levantadas por este formato de vida religiosa são insistentes: é possível alumiar as comunidades digitais por não haver clérigos e templos nessas localidades conectadas? Seriam imprescindíveis os dois elementos, clérigos e templos, para que uma comunidade religiosa se estabeleça? O sentimento de pertença pode ser estabelecido a partir de um outro patamar de interação, no caso o virtual? Estas questões problematizam pontos importantes para a subsistência do grupo, como o vínculo e o trabalho em comunidade, pois eventualmente não existe número suficiente de pessoas para se consolidar como tal. A capilarização de indivíduos isolados em suas regiões não configuraria uma comunidade.

Este formato de relacionamento à distância nos faz lembrar das antigas cartas dos Mestres Shinran e Mestre Rennyō os quais dialogavam sobre conteúdos doutrinários do Budismo Shin com seus seguidores. Desejamos, assim, no presente trabalho, pensar sobre uma nova configuração de comunidades budistas e apontar para uma emergente cultura religiosa, onde o ambiente digital se apresenta como interlocutor para uma comunidade vindoura, até o estabelecimento de um centro de prática ou mesmo um templo.

Acreditamos que a praticidade do alcance da tecnologia virtual pode contribuir ainda com a formação de líderes dessas comunidades a ponto de apoiar pessoas em suas regiões que eventualmente vierem a se interessar pela doutrina budista, resultando assim na expansão da ordem Ōtani de Budismo Shin pelo país.

Em paralelo a essa digitalização religiosa, o antigo Budismo étnico vem sendo amalgamado na cultura brasileira em dimensões tropicais por ritos em língua portuguesa, clérigos brasileiros trajando roupas ao estilo japonês. Quiçá um oratório mineiro e um Buda esculpido em pedra-sabão passam a ser os novos ornamentos domésticos, sem por isso perder a preciosa essência sagrada perpetuada por inúmeros imigrantes do país do sol nascente ao longo dos séculos.

A tradição budista já está sendo perpetuada ao modo do seu tempo atual, em meio a causas e condições inovadoras de forma tecnológica, imediatista e onipresente, levando o Pleno Despertar rumo ao Supremo Nirvana exortado pelo Buda Shakyamuni há cerca de 2600 anos atrás às pessoas que nunca imaginavam conhecer seus Ensinamentos.

REFERÊNCIAS

- ACULTURAÇÃO. In: PRIBERAM Dicionário da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/acultura%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- AGÊNCIA BRASIL. *O Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

GONÇALVES, Ricardo Mário. *A missão Sul-Americana da ordem Ôtani e sua contribuição para o budismo no Brasil*. São Paulo: Associação Religiosa Nambei Honganji Brasil Betsuin, 2013.

_____. *As Flores do Dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13464/15282>. Revista USP ° 67, São Paulo, 2005. Acesso em: 09 jun.21.

ERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ITSUKI, Hiroyuki. *Tariki: aceitando o desespero e descobrindo a paz*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KAKUNYO, Shonin. *Coletânea de transmissões orais*. São Paulo: Oficina de Traduções Kumarajiva da Associação Religiosa Nambei Honganji Brasil Betsuin, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

ODA, Ernani. *Interpretações da “cultura japonesa” e seus reflexos no Brasil*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 26, n. 75, p. 103-117, fev. 2011. Disponível em: <http://ref.scielo.org/zm5zfs>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PACE, Enzo; GIORDAN, Giuseppe. *A religião como comunicação na era digital*. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/13008>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RAMBELLI, Fábio. *Home buddhas: historical processes and models of representation of the sacred in the japanese buddhist family altar (butsudan)*. Japanese Religions, V. 35 (1 & 2), p. 63-86. 2010. Disponível em: https://japanese-religions.jp/publications/assets/JR35%201&2_Rambelli.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

RIES, Julien. *O sagrado na história religiosa da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *A ciência das religiões: história, historiografia, problemas e métodos*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANT'ANNA, Emílio. *Pressões da pandemia de Covid-19 levam a maior busca por religiões e técnicas de meditação*. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/pressoes-da-pandemia-de-covid-19-levam-a-maior-busca-por-religioes-e-tecnicas-de-meditacao.shtml>. Acesso em: 7 Jun. 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo de se fez bit: a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.

SETUR. *Quermesse do Templo Budista começa no próximo dia 3*. Disponível em: <http://www.turismo.df.gov.br/quermesse-do-templo-budista-comeca-no-proximo-dia-3/>.

Acesso em: 21 abr. 2021

USARSKI, Frank; SHOJI, Rafael. *Perspectiva sociológica sobre a expansão do Budismo e das religiões japonesas no Brasil*. REVER - Revista de Estudos da Religião, 17(2), 99 -118, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol17i2a6>. Acesso em: 21 abr. 2021.

_____. *O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

YOSHINORI, Takeushi. *A Espiritualidade Budista*. São Paulo: Perspectiva, 2006.